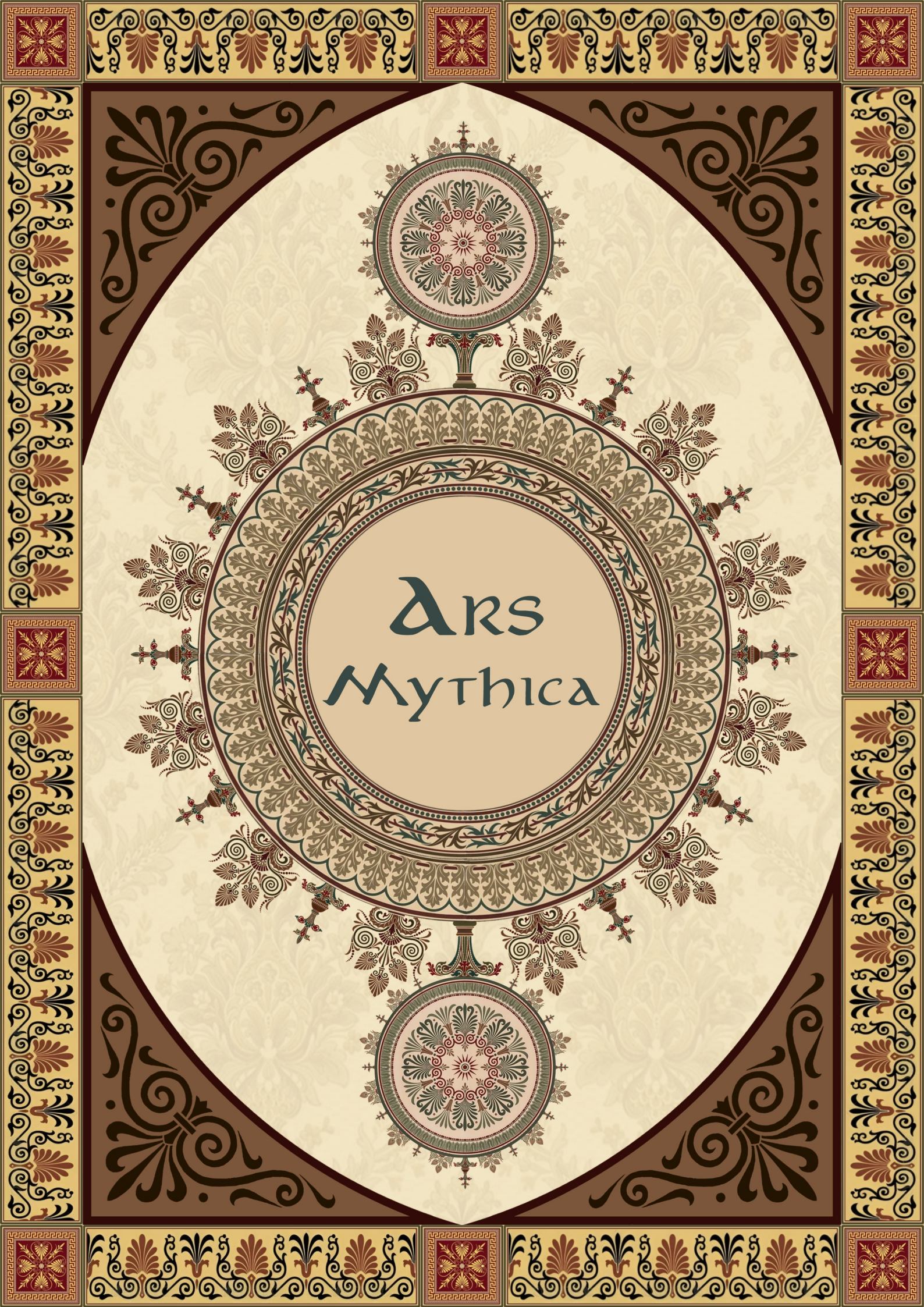




PROJETO ARS HERMETICA

Imãs gêmeas, a Tradição Esotérica do Ocidente e a do Oriente são a progênie da mítica Tradição Ancestral da humanidade, perdida, talvez para sempre, para a noite dos tempos. Cada uma, a seu modo, carrega a tocha em que arde o Fogo Divino e a responsabilidade de despertar a humanidade de seu longo sono: toda linhagem verdadeira se mantém fiel a esse propósito e busca transmitir a chama à nova geração.

Tão profunda quanto sublime, a Tradição sempre manteve abertas suas portas ao buscador sincero, mas muito de seu brilho original se perdeu nesses tempos sombrios, pois apenas um heroico punhado de adeptos se mantém leal ao Mistério, quase afogados num mar de banalidade onde cegos guiam cegos rumo ao precipício.

No começo de sua busca, é comum que o aspirante ao mundo da Magia e do Hermetismo se depare com as várias facetas da tradição de forma fragmentada e desconexa, por vezes sectária e até alucinada. Muitos anos podem se passar até que se encontre algum sentido nesse caos de disciplinas, escolas, linhagens e ordens. Assim, foi pensada uma preparação geral adequada aos novos tempos, perscrutando os vários aspectos da tradição, como astrologia, alquímia, mitologia, etc, de forma transdisciplinar, integrada e assimilando em suas correspondências o néctar da filosofia e da ciência.

Somos um discreto círculo de hermetistas que inclui de físicos e matemáticos a artistas e filósofos. Assim como nossos irmãos de todas as épocas, dedicamo-nos à busca de uma síntese do conhecimento passado que possa conversar com a síntese do conhecimento presente, mantendo acesa a chama da Tradição Original, sempre viva, sempre em uma nova forma. Assim foi feito no passado, e assim o é neste momento. Estamos preparando este projeto há muito tempo e, após mais de quinze anos de pesquisas, compilação e síntese de materiais sobre os diversos ramos do estudo hermético, o ponto de maturação foi atingido.

ASSINE E APOIE-NOS

Receba diretamente os fascículos do Projeto assinando, por qualquer quantia, nossa página no Catarse (catarse.me/arshermetica).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos nossos incontáveis professores, por vezes não declarados, cujas vidas e obras nos ensinam, transformam e inspiram, e nas quais nos maravilhamos e deleitamos diante do que nos foi, e ainda é, descortinado. Acima de tudo, agradecemos ao Mestre dos Mestres que nos guiou até aqui.

CRÉDITOS

Texto, revisão, editoração,
arte e curadoria: Talles Menegon



"The Danaïdes" (1904) - John William Waterhouse

Capítulo IX

A ÁRVORE DOS MUNDOS

As Duas Árvores

1. Muitos enxergam o Axis Mundi como o tronco de uma árvore cósmica, com raízes que penetram fundo na escuridão dos reinos inferiores e galhos que se esticam às alturas luminosas dos reinos superiores, verdadeiramente abrigando e

entrelaçando todos os mundos da Criação.

2. Chamam-na, por esse motivo, Árvore dos Mundos ou simplesmente Árvore-Mundo, a Grande Morada.

3. A cosmografia mítica assume a forma da experiência mística, que por sua vez assume a



Two Trees of Valinor - Anna Kulisz

própria forma da mente e do cosmos.

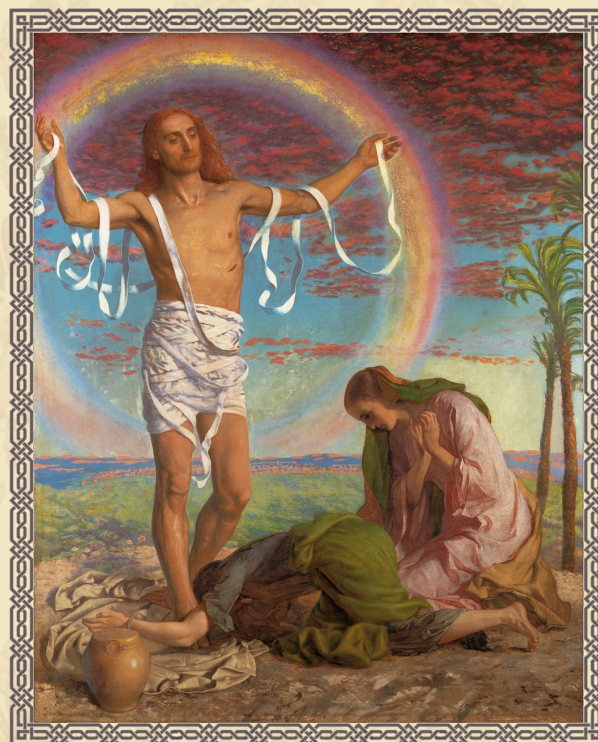
4. A partir dela, interpretamos a realidade e nela orientamos nossos passos. A partir dela, expressamo-nos e criamos, e em cada criação recorre a marca indelével da forma do cosmos, como uma assinatura explícita, embora apenas reconhecível para aquele que estuda a língua do Verbo.

5. Não é possível verdadeiramente dividir o Todo em sua essência não-dual, mas podemos impor-lhe fronteiras virtuais de acordo com a forma que olhamos, desde que se pague o preço de enxergar novamente em cada parte a forma do mesmo Todo que ousamos dividir em primeiro lugar, qualquer que seja o número.

6. Um espelho feito inteiro reflete o Sol, tanto quanto cada fragmento de um espelho partido. Há muitas imagens do Sol, mas, para além de qualquer espelho, inteiro ou partido, brilha o mesmo e indiviso Sol.

7. Outro dos nomes da Árvore-Mundo é Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, uma vez que é através dela que o Habitante experimenta a dualidade e aprende sobre ela.

8. Essa Árvore, todavia, não é a única no centro do jardim, pois acompanha-lhe uma outra de idêntico formato, ainda que de natureza oposta, chamada Árvore da Vida.



Christ and the two Marys (1847) - William Holman Hunt

Mundo-história porque comeu do fruto da Árvore do Conhecimento e, uma vez caído, precisa comer do fruto da Árvore da Vida para tomar a levantar-se.

10. Se o primeiro fruto traz o autoesquecimento que permite o conhecimento da dualidade, o segundo traz lembrança da Verdade, o conhecimento da não-dualidade que é a própria Gnose. O primeiro confere o dom da mortalidade, o segundo confere o dom da imortalidade.

11. Há quem diga, é claro, que não há surpresa ou coincidência na tamanha semelhança exibida pelas Duas Árvores, precisamente porque são duas facetas da mesma árvore, e portanto não são duas, mas uma. À essa árvore não-dual, não há nenhum outro nome possível que não simplesmente Árvore.

12. A Árvore da Vida é o aspecto numênico da realidade, composto de arquétipos puros habitando em unidade o reino da Plenitude. Ela abriga dentro de si todos os arquétipos e serve-lhes de habitação, ao mesmo tempo em que é, ela própria, Arquétipo.

13. Como que diante de um espelho, a Árvore do Conhecimento é o seu reflexo através do horizonte, a morada do fenomênico, dualístico, que compõe o reino da Carência, onde, em contraste ao arquétipo sempre uno, há sempre duas versões de tudo: uma boa e celestial, e outra maligna e infernal.

14. O Habitante, olhando a Árvore como uma, vê a Árvore da Vida, mas ao olhá-la como duas, vê a



"Yggdrasill, the Mundane Tree" (1847) - Oluf Olufsen Bagge

Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal.

A ÁRVORE-MUNDO

15. Bem no meio do tronco da Árvore há um único mundo que é considerado a pérola do oceano, a joia de toda criação, embora alguns digam que ele não é um mundo no tronco, mas o tronco em si.

16. Esse mundo é caracterizado pela própria posição, pois é para ele que converge a influência de todo galho e toda raiz, e exatamente por isso o chamamos Mundo do Meio.

17. O Mundo do Meio é o Ponto de Encontro, que acolhe as influências de todas as Quatro Direções, céus e infernos, onde todos os mundos têm igual direito de se manifestar.

18. Em contrapartida, há aqui caminhos que levam a passagens, e passagens que levam a todos esses mundos, e a todos os reinos dentro deles.

19. O Mundo do Meio é o único lugar em que todas as influências podem interagir e coexistir, ainda que em eterno concurso. E também, portanto, o único lugar onde podem almejar ser resolvidas e integradas.

20. O Mundo do Meio cresce horizontalmente a partir do Ônfalo, o Umbigo do Mundo, nas quatro direções cardeais que compõem os Mundos Elementais, estendendo assim um grande chão onde a realidade fenomênica pode se apoiar, segurando-se contra a correnteza do tempo.

21. Sob o Ônfalo, a Caverna. Acima dele, a Montanha. Atravessando-os todos pelo centro, transversalmente, o Eixo do Mundo, da Fonte no

topo ao Sumidouro no fundo.

22. Nas imediações do Mundo Médio, circunda-o a Floresta. Além dela, para cima, ramifica-se a miríade de mundos que conforma os galhos da Árvore, assim como para baixo, em simétrica reflexão, ramificam-se suas raízes.

23. Os galhos são os Céus, as raízes são os Infernos. Como as coisas se aproximam do Mundo Médio ao definirem-se, tanto quanto se definem conforme aproximam-se dele, os mundos proximais, seja galho ou raiz, são mais concretos e definidos, enquanto os mundos distais crescem em abstração e indefinição.

24. Cada galho é um mundo-possibilidade, uma influência do futuro, e cada raiz é um mundo-memória, uma influência do passado.

25. Ao redor de tudo isso, circunscrevendo a realidade fenomênica há uma esfera limite, um verdadeiro véu que separa o tempo do não-tempo, contendo todo o espaço dentro do ponto. Sua intersecção com o plano do Mundo do Meio é nada menos que a Serpente-Horizonte, o círculo que morde a própria cauda e impõe limite à materialidade.

26. Aquém do limite, a dualidade do dizível. Além dele, o mistério do indizível.

O ALICERCE FENOMENOLÓGICO

27. Com mito e símbolo mapeamos a realidade na tentativa de seguir seus passos para conhecê-la, ainda que, paradoxalmente, seja o próprio ato de mapear que derrube o indefinido no definido e faça surgir não apenas o mapa, mas o próprio terreno mapeado.

28. Assim, não é a epistemologia que segue a ontologia, ou mesmo a ontologia que segue a epistemologia, mas sim que ambas são uma e a mesma coisa.

29. Seguindo um caminho de dúvida sistemática cartesiana, chega-se à invariável conclusão que nenhum conteúdo da experiência é passível de certeza, enquanto conteúdo. Não há sequer um, portanto, elegível para receber o alicerce axiomático de um paradigma.

30. Contudo, ainda que possamos duvidar do conteúdo da experiência, de qualquer das quatro direções, somos incapazes de duvidar da experiência em si, e assim não há nenhum outro ponto de partida para definir a realidade que não a experiência.

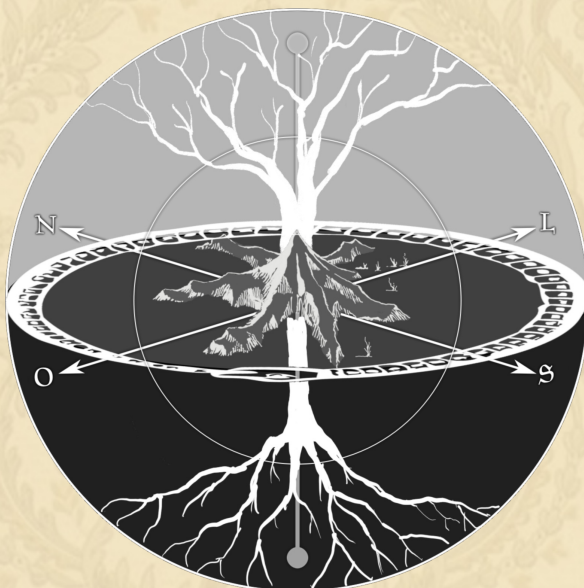


Figura 9.1 - A Esfera de Realidade

31. Pode parecer que a experiência é mero epifenômeno emergente da relação entre experienciador e experienciado, mas, exatamente ao contrário, aquele que experiencia é aquilo que é experienciado são ambos abstraídos a posteriori da experiência, pela mente.

O Mapa Mítico da Realidade

32. É com o traçar do grande círculo que totaliza a experiência que começa o mapa mítico da realidade, o círculo do abismo que separa a realidade interior, fenomênica, domínio do Tempo, da realidade exterior, numênica, morada do não-tempo.

33. Em justiça diz-se que esse círculo é o único mapa que encerra fidelidade, pois havendo unidade essencial na experiência, qualquer separação subsequente é artifício de análise.

34. Em vista indivisa, o próprio corpo não se diferencia do corpo outro, seja a imponente montanha ou o vale fértil, ou qualquer coisa no Céu ou na Terra. Tampouco diferenciam-se as quatro direções: tudo é experiência, diferentes padrões na água, mas ainda a mesma água.

35. Fatiamos o círculo, que na verdade é uma esfera, para melhor entendê-lo, e um bom primeiro corte é a linha horizontal que permite ver certas coisas como acima e certas coisas como abaixo. O Céu acima e a Terra abaixo, são ambos símbolos, são conceitos metafísicos e são também fenômenos da experiência ordinária.

36. Céu é espiritualidade e abstração, Terra é materialidade e concretude e, assim como é o fluxo espiral do torvelinho que sustenta sua forma, Céu e Terra são os dois polos do eixo causal que sustenta a forma do mundo: a coluna vertebral da própria realidade.

37. Há nesse eixo uma direção causal definida, pois é no Céu que nascem as forças que moldam a realidade, às quais muitos chamam de deuses, os legítimos representantes dos arquétipos eternos do Ser, no devir fenomênico.

38. Originando-se no Céu, a causalidade é recebida no seio da Terra para poder verdadeiramente acontecer.

39. Como a liberdade do pássaro em vôo, elevar-se ao Céu é crescer na capacidade de impor mudança ao mundo. Como a fixidez da semente enterrada, mergulhar na profundidade da Terra é crescer em



"The Angel with the Serpent" (1875) - Evelyn de Morgan

passividade e sujeição aos poderes do mundo, mas é também tornar-se um terreno fértil onde eles podem florescer.

40. Que cuide o incauto para não cair em juízos de valor, preferindo um ao outro, pois tanto quanto a Terra deseja ascender para receber o abraço do Céu, o celestial anseia por descer e manifestar-se no material.

O Chão

41. Sendo dois pólos da mesma experiência, separar Céu e Terra é uma escolha perceptiva, uma forma de olhar que traça um horizonte, uma linha que morde a si mesma e fecha um círculo, delimitando um chão na esfera-realidade para pisarmos os pés.

42. Por outro lado, pode-se igualmente dizer que o horizonte é a auto-ilusão perceptiva que permite ver Céu e Terra como entes separados, cuja consequência é passar a ver também um plano de realidade estável ao qual damos o nome de Chão.

43. Alguns dão a esse chão o nome de Materialidade, pois é o palco da experiência fenomênica ordinária, onde as coisas se definem plenamente e plenamente acontecem, acarretando sua manifestação física.

44. Outros, chamam de Realidade Objetiva, pois uma vez que algo atravessa esse limiar, sua existência limita-se ao mínimo sobre si que todos podem concordar.

45. A consciência nascida na carne está inicialmente confinada nesse plano, como que a um jardim de infância, onde a realidade é simples e de menor dimensionalidade em relação à totalidade

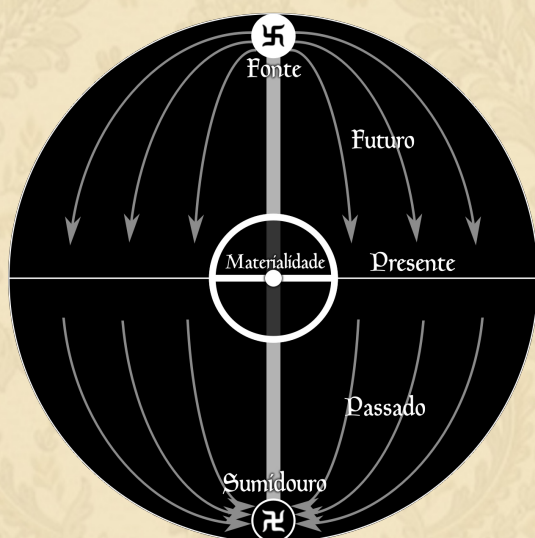


Figura 9.2 - O Chão Fenomenológico



"Andarilho Sobre a Névia do Mar" (1818) - Caspar David Friedrich

tridimensional da esfera.

46. Não é possível à consciência ordinária mover-se verticalmente: nem voar ao Céu e tampouco mergulhar na Terra, a menos que encontre o Eixo do Mundo no exato centro do Chão. Até lá, perambula em sua jornada pelas duas dimensões do plano e suas quatro direções.

47. Começa por viajar ao Leste e lá conhece o Reino Oriental do Ar, onde purifica os pensamentos e desperta a Sabedoria. Segue de lá rumo ao Sul e conhece o Reino Meridional do Fogo, onde purifica suas intenções e desperta seu Poder. Seu próximo destino fica a Oeste, o Reino Ocidental da Água, onde purifica suas emoções e desperta a Fé. Caminha, por fim, para o Norte, e conhece o Reino Boreal da Terra, purificando as sensações e aperfeiçoando a Concentração.

48. Retomando ao Leste, a consciência ordinária conclui sua peregrinação santa e, tendo conhecido plenamente os quatro cantos do mundo e os quatro tipos de fenômenos que compõem a experiência, completa o círculo que revela o Centro Sagrado onde se oculta o alvo de sua busca.

49. Estar em pé sobre o mundo e locomover-se nele é tanto o fato básico da experiência na materialidade quanto o simbolismo topográfico que indica a estrutura fundamental da consciência ordinária.

50. A esfera toda é fenômeno e sua natureza é, portanto, mental. Mesmo a matéria coalescida em Chão é um estado mental, embora mais estável, mas ainda sim um estado mental. A esfera inteira é a experiência e a experiência é fabricada pela mente.

51. Entre o sublime e o ctônico, estabelece-se o chão experiencial ao qual muitos, com razão, dão o nome de Reino.

A MATÉRIA

52. Da mesma forma que aportar em terra firme é encontrar porto seguro contra o caos das águas, a mente cria a materialidade para nela apoiar-se.

53. Pode parecer meramente que ela se sente segura porque há uma terra para apoiar os pés, mas também, exatamente o contrário, há uma terra para apoiar os pés justamente porque a mente deseja sentir-se segura.

54. Outro dos nomes do plano horizontal da materialidade é momento presente, pois é nele que as coisas se definem e revelam, emergindo do mar de suas muitas possibilidades como matéria objetiva.

55. Como não é possível falar do agora sem falar do aqui, não há nenhum outro lugar onde a materialidade pode ser experienciada que não o centro da esfera da realidade.

56. Verdadeiramente, não é possível falar de um mundo físico sem falar de um observador, um olho por trás dos olhos, pois a materialidade só pode emergir de uma perspectiva em primeira pessoa, ainda que o olho que observa seja, ele próprio, observação.

57. Não que, como afirma o solipsista, inexistia uma realidade independente de olhos, mas sim que

ela não é definida o suficiente para existir em termos físicos ou materiais.

58. Embora cada olho construa uma materialidade inteiramente para si, essa construção é feita, não em alienação aos outros olhos, mas em consenso com todos eles, num leilão de vontades.

59. É o consenso entre os olhos que concede ao mundo físico sua inércia e aparência de solidez e, precisamente por esse motivo, alguns chamam a materialidade de Realidade Consensual.

60. Assim, se para a carne a objetividade sincroniza as subjetividades, para o espírito é a sincronização das subjetividades que faz nascer a objetividade.

O Tempo

61. Entrar no Mundo-história é precipitar-se no abismo da separação de si, é estar em queda livre no Tempo, caindo por toda a duração do Tempo.

62. Os caídos caem sempre na velocidade da luz, pois é essa a velocidade do próprio Tempo. Tempo, Queda e Entropia são uma e a mesma coisa.

63. Como um vasto rio, o Tempo é a história narrada entre a Fonte e o Sumidouro, onde a cada instante a Dançarina dança um passo, revelando uma nova faceta da história Desconhecida em seu inexaurível mistério.

64. Como uma ilha, ou mesmo uma nau navegando nas tempestuosas Águas do Tempo, a materialidade é sempre o aqui e o agora no centro da Esfera, a região de realidade estável que serve de interface entre o futuro acima, chamado Céu, e o passado abaixo, chamado Terra, recebendo de ambos as influências.

65. A experiência das influências do futuro recebe o nome de Vontade, ao passo que a das influências do passado recebe o nome de Desejo.

Os LUMINARES

66. Se são os olhos do mundo que definem o indefinido em direção à materialidade, todos esses olhos são na verdade dois: o Olho Direito, ao qual damos o nome de Sol, e o Olho Esquerdo, que recebe o nome de Lua.

67. Os dois nasceram dos olhos do Gigante que originou o mundo de seu próprio corpo no Sacrifício Primordial e, no devido tempo, o Sol tornou-se o Senhor da Vontade e do Dia, e a Lua tornou-se a Senhora do Desejo e da Noite.



"Rivendell" - Ted Nasmith



"Apollo and Diana" (1757) - Giovanni Battista Tiepolo

68. Há histórias, no entanto, que os descrevem como dois vasos: um, de ouro puro, contendo as vontades reunidas e integradas de todos os seres do mundo, enquanto o outro, da mais perfeita prata, onde são coletados e misturados os seus desejos.

69. Há ainda outras histórias, muito menos conhecidas, sobre uma misteriosa arte de misturar os conteúdos desses vasos para deles extrair perfeições.

70. O Sol e a Lua são verdadeiramente os filhos do Céu e da Terra, as Luzes Gêmeas que iluminam e revelam o Mundo-História, e por isso chamamo-lhes Luminares.

71. As duas Luzes viajam continuamente do Céu para a Terra e da Terra para o Céu, empreendendo suas operações sobre ambos os domínios, embora o Sol sinta como lar a morada de seu pai e, a Lua, a morada de sua mãe.

72. O que o Sol é para o Céu, a Lua é para a Terra.

73. Muitos dizem que o Olho Direito é um olho aberto que enxerga para fora, enquanto o Olho Esquerdo é um olho fechado que enxerga para dentro, mas, para o Sábio, que os fez casar em alquímica cerimônia, ambos os olhos estão eternamente semicerrados.



74. Através do Olho Dourado, futuro coalesce dos Mundos Superiores sobre o Chão como a poeira que se agrega em camadas de tempo geológico, enterrando-o lentamente no passado, e o que era chão agora desce lentamente no Mundo Inferior, para sempre ocultado na profundidade do Tempo.

75. Através do Olho Prateado, as incontáveis camadas de chãos dos tempos idos culminam em um novo chão para a mente caminhar, a partir do qual o presente é capaz de continuar crescendo, soterrado a cada instante por um novo chão.

MEMÓRIA

76. Se é o consenso entre os olhos que permite a experiência da materialidade, esse consenso é condicionado pela a de consensos anteriores. A inércia da matéria é a inércia do consenso.

77. Para a carne, o passado é guardado como memória, mas para a natureza fundamentalmente mental da Esfera de Realidade, é a memória que é armazenada como passado, no próprio passado.

78. Se todo o Tempo existe dentro do eterno presente, a memória é a indelével presença do passado.

79. De fato, não há nenhum outro lugar onde uma



Desolation, detalhe (1836) - Thomas Cole

memória poderia existir: o evento que se define na materialidade é, na ocasião da própria manifestação, registrado no Tempo, e nele residirá para sempre, na forma de passado.

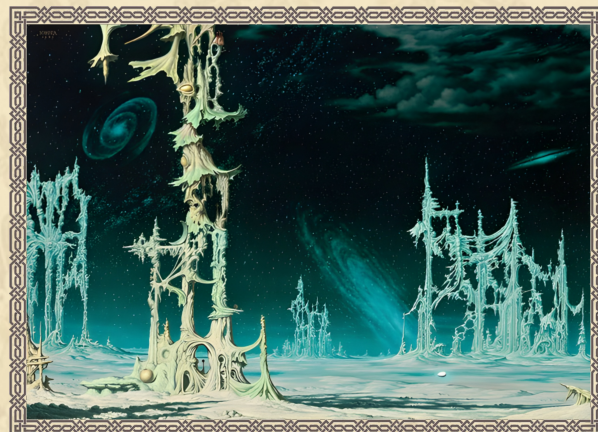
80. Eventos passados não são meramente aniquilados e substituídos pelo presente, mas simplesmente perdem definição e, enterrados, passam a existir escondidos dos olhos mortais, na escuridão do Mundo Inferior.

81. Assim como um corpo sepultado na terra vê seus elementos constituintes desassociarem-se e se dispersarem de volta aos seus reinos, lenta e gradualmente, o evento tomado memória desce e se aprofunda na Terra, tomando-se mais e mais indefinido.

82. Memórias recentes são como relatos, aos poucos aproximando-se umas das outras segundo sua semelhança e se agregando, destiladas em fantasia, e então em mito, até que as memórias da infância se tornam elas próprias contos de fadas, ainda que por vezes terríveis.

83. Todas as memórias, por fim, acabam coletadas pelos rios subterrâneos que lhes são afins e desembocam em verdadeiros oceanos de experiência coletiva, os reflexos na Terra dos arquétipos no Céu.

84. Os mortos na morte, da mesma forma, continuam a existir no passado enquanto descem lentamente, como as raízes da árvore, sustentando a agência no presente que lhes foi



Pralaya, detalhe (1959) - Johfra Bosschart

ceifada, a contragosto.

85. Em sua existência lúgubre, caminham sobre as ruínas dos mundos de outrora e sentem aproximar o momento em que serão reabsorvidos pela Terra, enquanto nutrem a esperança de que o agente que atualmente caminha sobre o chão é o Escolhido que os libertará.

Desejo

86. A alma pode manter-se ligada, e até agrilhoada, a certas memórias através do Desejo, seja o desejo positivo, chamado propriamente Desejo, de que uma memória agradável reaconteça no presente, ou o desejo negativo, chamado Aversão, de que uma memória desagradável jamais



Hylas and the Nymphs (1896) - John William Waterhouse

aconteça novamente.

87. O aprisionamento de parte da alma no deleite de uma boa memória é chamado Apego, ao passo que o aprisionamento na agonia de uma memória ruim é chamado Trauma.

88. Como um tentáculo que se agarra à presa, a partir do Desejo estende-se um fio emocional até a memória, tão espesso quanto a intensidade da emoção em que o evento foi experienciado.

89. Ironicamente, a mesma emoção que abre um canal para alma esticar-se no passado, impõe viés irreduzível para a sua interpretação.

90. Esses fios nascem das sementes de desejo e aversão que lhes servem também como âncoras na carne, concedendo acesso às memórias na outra extremidade. Não são as memórias em si que a carne carrega, mas as âncoras apenas.

91. Elas existem no cérebro e também por todo o corpo, conformando-se como uma casca que espelha a sua silhueta, constituindo a camada mais basal do corpo astral, a que está de fato colada à carne.

92. Efetivamente, no transplante não apenas o órgão, mas todas as memórias nele ancoradas, e mesmo traços inteiros de personalidade podem ser transferidos.

93. Por todas essas coisas, ao conjunto dessas âncoras-semente, muitos dão o nome de Corpo de Desejos.

LEMBRANÇA

94. Lembrar-se é encontrar a âncora específica que leva ao evento intencionado, muito como uma antena sintoniza-se em fino ajuste com a frequência que almeja capturar.

95. Esquecer-se é perder a âncora no meio de tantas outras, na incapacidade de diferenciá-las a contento, seja pela mistura entre memórias muito similares, seja pela debilidade da emoção que formou o fio.

96. Memórias, enfim, não podem ser apagadas, mas podem tornar-se suficientemente inacessíveis para serem consideradas perdidas.

97. O lembrar não é apenas esticar-se do presente ao passado para existir nele, como é também permitir que o passado se estique até o presente e novamente se defina, ainda que distorcido pelo viés emocional do fio.

98. A cada instância do lembrar, a memória é recriada e trazida ao presente, pois o maior desejo

do passado é ser lembrado e, lembrado, reacontecer no presente.

99. E assim não apenas o passado afeta o presente ao condicionar sua manifestação, como o próprio presente afeta o passado, redefinindo-o, para melhor ou pior, a cada lembrança.

100. A memória pode ter seu fio aumentado em espessura, e ver crescer ainda mais o peso de sua mão sobre o presente, quando a emoção e sua perspectiva são reificados enquanto a memória é lembrada. Pode também ser inteiramente ressignificada pela atenuação, alteração ou até a nulificação total de seu fio.

101. As histórias falam de muitos tipos de memórias inquietas, mortos que se vêem incapazes, ou mesmo se recusam, a descansar: zumbis e carnicais, fantasmas e até vampiros, em ampla variedade de conhecimento e poder.

102. Presos numa existência faminta sem poder viver ou morrer, muitos os chamam simplesmente de mortos-vivos. Sempre que o Herói reificar uma memória na ocasião de sua lembrança, a ímpia criatura receberá sua nutrição em sangue ou carne, através da qual pode prolongar sua existência. Ainda que se recolha, é certo que cedo ou tarde retornará, ávido por mais.

103. Entre eles, sem dúvida, o Herói precisa abrir caminho em sua descida, pois repetidamente provaram-se ativos notáveis e importantes nas legiões do Dragão Negro, unidos no comum objetivo de predar o presente.

KARMA

104. Ao ímpeto, comum a todas as coisas já acontecidas e ainda inquietas, de desejar reacontecer, damos o nome de Karma.



The Nightmare (1781) Henry Fuseli



Earthbound (1897) - Evelyn De Morgan

105. O peso do Karma é o peso do Tempo carregado pela alma, cujo sinônimo é Sofrimento.

106. A alma habita o presente tanto quanto cada uma de suas memórias e, enquanto esticar-se no Tempo na tentativa de agarrar o passado, mantendo nele partes de si mesma, jamais estará plenamente presente, no que quer que esteja acontecendo.

107. Sem enxergar a realidade como ela é, pois passará tudo pelo duplo filtro do apego e do trauma, seu julgamento dos fatos perderá em sabedoria, distorcido pelo desejo.

108. As quatro direções respondem não inteiramente ao que está acontecendo em fato presente, mas à sua mistura com quaisquer memórias ativas no momento, na medida de seu deleite ou agonia.

109. Os fios das memórias se unem em feixes, que se entrelaçam em uma vasta rede causal de eventos que penetra fundo no Submundo: as próprias raízes da Árvore, crescidas até o fundo da realidade.

110. As raízes coletam a umidade de todos esses eventos e os faz convergir para cima, formando o contexto no qual o presente pode se definir e

existir, condicionando-o a acontecer em necessária concordância com os momentos anteriores.

111. Essa necessária concordância, em sua faceta material, unida à inércia do consenso, forma aquilo que alguns chamam de Lei da Necessidade, e que muitos chamam de Leis Físicas.

112. A alma, em certo sentido, carrega consigo todos os eventos que condicionam sua existência presente. Habita, fragmentada, todas as suas memórias, vivendo-as inconscientemente todo o tempo.

113. Presente, passado e futuro coexistem no Agora, mas somente o presente existe materialmente.

114. A rede de memórias transcende a própria existência pessoal, envolvendo os pais e os pais dos pais, e verdadeiramente todo ancestral, não apenas humano, mas até a aurora da vida, e de lá até o nascimento do próprio Tempo.

A CARNE

115. O estado natural de toda memória, já que a alma está literalmente presente nela, é o estado de plena e vívida lembrança, e parte do papel da

Carne é justamente inibi-las todas.

116. Elas são gentilmente conduzidas ao sono na inconsciência ao longo da gestação e da infância, enquanto a alma se concentra do infinito de sua existência para o pequeno feto a crescer.

117. Tal obra da Carne só culmina na adolescência, pois o nascimento no mundo só termina realmente quando finda a infância. Eventuais resíduos de memórias transpessoais são então esquecidos, no pleno despertar da Bela e da Fera.

118. A Bela e a Fera são o duplo instinto assentado sobre a eminência da sobrevivência, uma vez que, é claro, a Carne possui sua própria prioridade, pois antes de poder fazer qualquer outra coisa, precisa estar materialmente viva.

119. Mesmo antes do nascimento, a Carne aprende a associar, aos poucos, certos gatilhos para desinibir ou reinibir as memórias, permitindo apenas a manifestação consciente das que julga pertinentes diante do contexto em que se percebe, ao mesmo tempo em que novas memórias são criadas.

120. Uma memória, uma vez acordada de seu sono, desinibirá memórias semelhantes, na medida de sua semelhança, pois vem de sua natureza úmida a tendência de acordarem juntas, e dormirem juntas.

121. Assim, é dádiva da Carne a muralha que impede o transbordar simultâneo de todas as memórias para a percepção, numa investida do próprio Dragão do Caos contra a consciência, nela forçando a mesma fragmentação que a alma experimenta na inconsciência.

122. Transformando tormenta em rio, a experiência encarnada concede a chance única de

trabalhar o karma das memórias gradualmente, atenuadas na estabilidade concedida pela materialidade. A consciência ordinária é, de fato, um chão firme para caminhar.

123. Carne, consciência ordinária e materialidade nascem uma da outra e não podem ser verdadeiramente separadas: são a mesma e única coisa.

O DILÚVIO

124. Ao transbordamento das águas do passado, desejosas de devorar o presente, damos o nome de Dilúvio. Inevitável como a morte, a consciência ordinária foge dele porque ele é a própria morte, teme-o porque é o Sopro do Dragão.

125. Medo é memória.

126. Por senilidade, doença ou fraqueza, a Carne cedo ou tarde falha em sua tarefa de manter firme a Muralha e reparar-lhe as inevitáveis fissuras, e as águas eventualmente emergem e se misturam, entre si e com o presente, e inundam o Reino.

127. Também, no adormecer de cada noite e a cada descida da lua, um pequeno transbordar e uma pequena morte.

128. Por fim, na ocasião da morte da Carne, como não há mais nada que possa inibir as memórias, elas passam diante dos olhos em avalanche, enquanto aquilo que fora concentrado no nascimento agora se espalha novamente, buscando retornar à sua morada no infinito, impedida apenas pelos seus fragmentos ainda aprisionados no passado.

129. A alma é fortemente puxada por suas correntes para onde quer estejam conectados no Mundo Inferior e é para lá arrastada, indefesa, em uma nova forma de existência enterrada sob o presente, de onde anseia por mais uma vez caminhar sobre o chão.

130. Especialmente, se as mais grossas de suas correntes vierem das matérias do Trauma, também será arrastada para eles, os Infernos que carrega dentro si.

131. Ainda que a morte seja a maior das oportunidades para aniquilar de uma só vez de grandes feixes de fios e deles libertar-se, há também a perigosa chance de reificá-los e afundar, projetando-os junto com toda a potência de seu último suspiro para uma nova existência, uma nova chance de redenção.

132. O Guia ensina o herói a purificar-se para bem atravessar a Noite Escura, treinando sua



"The Downfall of Numenor" (1867) - Darrell K. Sweet

mente para expor-se gradualmente ao caos das águas enquanto aprende a manter-se impassível diante de seu desconforto.

133. Aprende também a bem conduzir suas memórias e, observando-as no silêncio equânime de uma mente treinada, a avalanche torna-se procissão.

134. Por vezes, o Guia prescreve preparados místicos, ou longos treinos de disciplina mental, ou ainda elaborados ritos e todo tipo de prova de virtude, na medida das necessidades do herói e segundo a sua constituição, e por vezes prescreve todas essas coisas juntas, para dar-lhe uma chance contra o Dilúvio.

135. Diz-se que há três grandes águas a serem purificadas, as Águas do Caranguejo, as Águas do Escorpião e as Águas dos Peixes.

136. Do Caranguejo são as águas dos mares, os karmas mais ordinários e superficiais, prontamente acessíveis assim que recaí sobre o Reino o primeiro

silêncio da noite.

137. Do Escorpião são as águas abissais da Noite Escura, estagnadas em sua profundidade, além do alcance de qualquer raio de luz, onde habita trauma e tabu.

138. Por fim, dos Peixes são águas oceânicas e transpessoais, circunscrevendo não apenas o karma da presente existência, mas de toda a ancestralidade e, em verdade, de toda a humanidade.

139. O Dragão, como dizem as histórias, é uma espécie que não encontra limite para seu tamanho, podendo crescer, desde que consiga alimentar-se, indefinidamente.

140. Por todos esses motivos, o Guia orienta o herói a não procrastinar sua Jornada, pois não há tempo a perder: ele precisa descer até o Dragão e enfrentá-lo antes que cresça demais e saia ele próprio pelo Reino, em busca do herói para devorar.



As Muralhas de Jericó (1965) - Johfra Bosschart

IMAGINAÇÃO

141. Assim como a mente se estende no passado através da Memória, ela é capaz de esticar-se no futuro, fabricando sobre ele imagens de seu próprio designio através da faculdade que nos é conhecida como Fantasia, ou simplesmente Imaginação.

142. Pode parecer que é no presente que a Imaginação imagina, mas o presente já é em si manifestação e, fosse o caso, não se poderia diferenciar entre imaginações e percepção.

143. Do mesmo modo que as memórias são lembradas no próprio passado, a imaginação tece suas imagens, de deleite ou horror, diretamente no futuro, e não há nenhum outro lugar onde elas poderiam ser imaginadas.

144. O que a mente imagina é um futuro específico que está sendo buscado dentro do espectro de todos os futuros possíveis, que se entrecrocaram e deslizam uns sobre os outros, formando um verdadeiro mar de possibilidades, gradativamente se aproximando da materialidade para manifestar-se.

145. Assim, tanto quanto o passado continua a existir depois de ir-se das vistas mortais, o futuro já existe mesmo antes de acontecer, mas enquanto não escolher como irá fazê-lo, dentro o mar da sobreposição de suas possibilidades, ele existirá de forma indefinida e abstrata: justamente como uma onda de possibilidades, sem os contornos mínimos exigidos à percepção física.



"Daughters of the Mist" (1910) - Evelyn de Morgan

146. O futuro nasce perfeitamente incondicionado nas alturas da Fonte que encima o Axis Mundi, manifestando dentro do Mundo-história a Criança e a disposição pura para a experiência que lhe é característica.

147. Desce de lá pelo Céu em direção à materialidade, em cuja travessia recebe as virtudes dos céus e as operações dos seres celestiais, moldado e aprontado para a manifestação, definindo-se mais e mais conforme desce, condicionando-se progressivamente ao passado.

148. O que de fato acontece, contudo, nunca se dá exatamente segundo o projeto dos Deuses. Por mais que se esforcem para governar a realidade conforme seu conhecimento do Verbo, suas obras sofrem, desde o instante em que nascem, o ataque corrosivo do Dragão.

149. Pode-se pensar que um futuro imaginado é atraído para a manifestação tanto quanto que a própria materialidade se move em direção a ele, tal qual uma nau navegando nas misteriosas águas da realidade.

150. O futuro-possibilidade será movido na medida da intensidade e da constância do imaginar, mas nunca há garantia de suficiência para tomar-lhe matéria, parcial ou plenamente.

151. De fato, mesmo a menor das imaginações deixa marca sobre o fluxo do Tempo, embora quase sempre perdida ante ao ruído, como a marola perde-se na onda, pois é de inconcebível complexidade a teia de influências que age sobre cada evento.

ORÁCULO

152. Em suma, não há um futuro único e definido, como um destino rígido meramente aguardando o momento de acontecer, mas um espectro dinâmico de futuros possíveis.

153. Todavia, um futuro possível, por mais provável que seja, ainda não se definiu e só o fará ao alcançar manifestação física, tanto quanto precisa definir-se para poder se manifestar.

154. Se o oráculo perscruta o futuro e o vê em termos de mito e símbolo, não é por faltar-lhe a perícia de enxergar com exatidão, mas justamente porque o futuro, nesse estado de indefinição abstrata, existe de fato em termos de mito e símbolo.

155. A Serpente que se aproxima do futuro distante ainda não escolheu como irá se manifestar, ainda é serpente-símbolo.



"Priestess of Delphi" (1891) - John Collier

156. Descendo pelas Águas do Tempo, ela se define mais e mais conforme se entrelaça com outras causas, de outros símbolos, e as condições, do próprio passado, para a manifestação.

157. Só então a serpente-símbolo escolhe se manifestar-se-á como medicina ou veneno, como sabedoria ou cegueira, traição, mentira, morte ou doença, em si ou outrem, ou mesmo, porque não, como o encontro com uma literal serpente.

158. O cajado protege contra a serpente na terra, mas nada pode contra uma serpente imaginária, que deve ser afastada por uma proteção igualmente imaginária.

159. Tesouros e dragões se escondem no futuro, mas forçar no oráculo uma resposta categórica e a visão de um futuro específico é como colapsar o

espectro de suas possibilidades em uma única, o que é, pragmaticamente, indiscernível da obra da magia.

160. O Sábio, por isso, regula a inexatidão em seus oráculos como um espaço para manter-se livre.

VONTADE

161. O presente liga-se ao passado pela força cônica do Desejo, assim como ao futuro pela força celestial da Vontade.

162. O passado-desejo é lunar, o futuro-vontade é solar.

163. O quão longe no futuro ou no passado a alma consegue esticar-se é mera questão do poder de sua mente, ou da força de seu trauma, ou apego.

164. A Vontade nasce pura na Fonte, com a máxima força do querer que, paradoxalmente, nada quer em específico que exista, mas apenas o existir da própria Existência, perfeitamente simples e abstraída de qualquer conteúdo.

165. É justamente nessa equanimidade ante ao conteúdo que nasce o Novo, e o próprio futuro, que desce pelo Eixo do Mundo e refresca toda a realidade com novas possibilidades, afastando a extinção e aliviando o aperto do Dragão.

166. Ao deixar a Fonte, a Vontade imediatamente abre-se num círculo de arquétipos ao redor do ponto primordial, infinitamente próximo a ele. Tal é o círculo de todas as coisas que podem existir, o espectro de todos os verbos que é, de fato, o próprio Verbo.

167. Outro de seus nomes é Plano Divino, pois a Vontade pura da Criança amadurece aqui como a vontade de contar uma boa história e, exatamente por isso, o Plano não é rígidez, mas Dinamismo.

168. A Vontade Divina, então, precipita-se no Tempo e, no instante em que toca o Horizonte, fragmenta-se em incontáveis miríades de Vontades: os verdadeiros motores que animam todos os seres do Mundo-História.

169. Cada habitante, do mais simples Elemental ao mais poderoso Celestial, nasce e cresce ao redor desse fragmento da Vontade Divina, precisamente a parcela do Plano que lhe cabe e diz respeito. A esse fragmento, muitos dão o nome de Verdadeira Vontade.

170. De fato, essa Vontade é aquilo que cada ser quer verdadeiramente manifestar em sua vida na ânsia de criar, tal como um artista, mas cuja substância alvo de seus esforços não é pedra,

metal, madeira ou papel, e sim a própria realidade.

171. Assim como não é possível ver-se sem o intermédio de um espelho, criar é a maneira que cada ser tem de se expressar, e expressar-se é a maneira que tem de conhecer a si próprio.

172. Em outras palavras, é apenas quando a semente é plantada e feita árvore que se toma conhecido o seu potencial.

PERFEIÇÃO E VIRTUDE

173. Só é possível querer o que se pode conceber.

174. Assim, se o Futuro é território da Vontade, tudo aquilo que se busca no Mundo-História se organiza numa hierarquia de arquétipos, perfeições e virtudes.

175. Os Arquétipos são o espectro de papéis puros dispostos à Criança pelo Contador. Cada Arquétipo é um papel em sua máxima força, e também em sua mínima definição, abarcando todas as suas possibilidades em infinita potência, livre de qualquer contingência e condicionamento.

176. Cada Arquétipo é o Verbo escolhendo uma faceta para se expressar, como uma máscara a vestir-lhe o rosto. Tanto quanto o Verbo possui

todos os Arquétipos dentro de si, cada Arquétipo possui o Verbo inteiro dentro de si, e é dele indissociável. De fato, o Verbo é o Arquétipo arquetípico, o Arquétipo dos Arquétipos.

177. A Vontade Pura da Fonte é então filtrada pelo Verbo e vestida com suas luzes prismáticas, entendendo prontamente para onde a história infinita pode, e portanto precisa, caminhar.

178. As Perfeições são o confinamento dos poderes dos Arquétipos às regras do Mundo-História, atenuando sua glória original à fração que pode caber no espaço e no tempo sem queimar toda a Criação no instante de sua entrada.

179. Ainda sim, cada Perfeição possui uma jurisdição no Mundo-História e, dentro dela, não encontra limite para seu poder, não há nada fora de seu alcance.

180. Tais jurisdições são como dividir a realidade em continentes e países, e entregar-lhes ao governo de um príncipe.

181. Há, é claro, muitas histórias sobre quais e quantas são as Perfeições e seus territórios, e cada tradição de sabedoria empreendeu um mapeamento próprio na forma de um panteão, fruto justamente de suas próprias explorações.

182. À homeostase das Perfeições, em qualquer panteão, damos o nome de Salvador.



"A Escolha de Hércules" (1596) - Annibale Carracci

183. Virtudes são as impressões das luzes das Perfeições sobre as coisas do mundo que, ressoando com as qualidades sob suas jurisdições, despertam-nas e as conclamam ao alto.

184. Assim, Virtude é qualquer qualidade que excedeu a mediocridade de si mesma e elevou-se acima da invisibilidade do irrelevante, por cultivo ou graça de nascimento, seja a maestria em armas do guerreiro ou o aroma exuberante da rosa.

185. À homeostase das Virtudes, em qualquer domínio, damos o nome de Herói.

186. A Virtude, na culminação de si mesma, torna-se Perfeição, assim como a Perfeição culmina em Arquétipo.

187. Como aquele que se determina a escalar montanhas, a exemplo, está se orientando por uma linha ininterrupta de Vontade que se estende até o próprio Céu Empíreo.

188. Tornado escalador pelo império da Vontade, orienta-se pela virtude do Bom Escalador e pela maestria do Herói-Escalador, aproximados por próprio esforço da perfeição do Deus-Escalador, que recebe a potência de seu Arquétipo inefável: algo que se pode vislumbrar como Ascender-Expandir-Ver.

189. Em última instância, tudo o que se quer se alicerça em um Arquétipo que a Criança quer



"The Angel of Death" (1881) - Evelyn de Morgan

vestir, levado à definição através de histórias ouvidas de mito, ficção e relato.

190. Em simetria à teia de desejo e memórias que puxa ao passado, há uma rede de vontade e imaginações que puxa ao futuro: a Luz Una da Verdadeira Vontade difratada, atenuada e distorcida pela multifacetada materialidade do mundo.

191. Na infância, há pouco karma atualizado: a força do futuro é muito maior que a do passado, a morte vindoura é invisibilizada pela distância segura, e a imaginação eleva-se em vitória sobre a memória.

192. Cada instante que passa é um instante ceifado pela Morte e, na aproximação do derradeiro e inexorável fim, vê-se invertida a situação: há muito passado e pouco futuro, e as memórias sobrepõem a imaginação.

193. Não fosse a Jornada do Salvador a renovar ciclicamente a vida ao longo dela, cada pessoa estaria fadada a repetir seu passado e habitar nele, aguardando ansiosamente o Beijo da Morte como dádiva de libertação.

KARMA E DHARMA

194. À Vontade Pura da Fonte e aos raios prismáticos desdobrados pelo Verbo e difratados em Perfeições e Virtudes no Mundo-História, damos o nome de Dharma, pois dão verdadeiramente propósito, movimento e governo a toda coisa.

195. O que a Vontade produz em suas operações, como fenômeno, são as intenções. Nem toda intenção, contudo, nasce de um fragmento da Verdadeira Vontade, pois elas também podem nascer do passado.

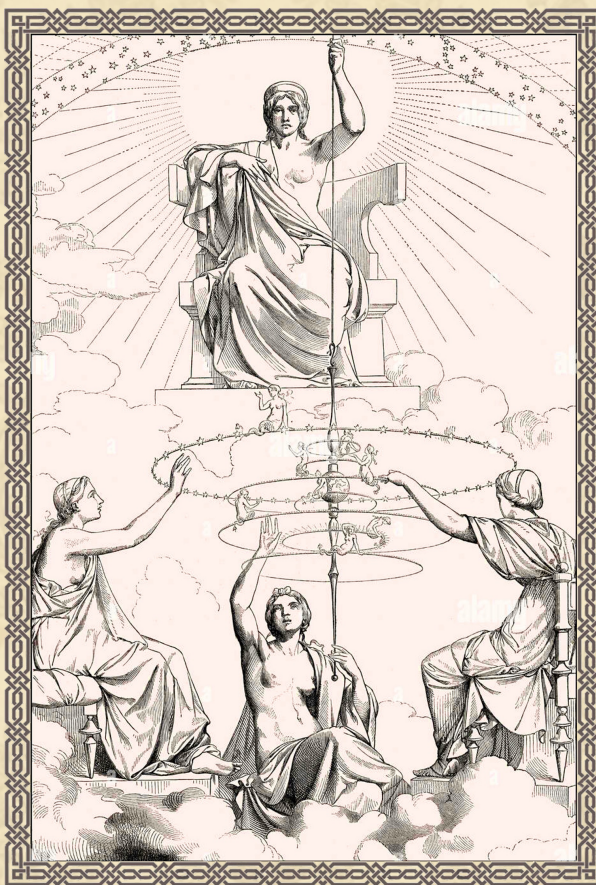
196. Se reificada a memória, por Desejo e Aversão, dela nascem intenções de que reaconteça, ou de que nunca mais aconteça, e um cenário será imaginado no futuro, condicionando-o.

197. Assim, se houver demasiado passado carregado como fardo de Tempo, a alma, toda esticada no passado e presa às suas memórias por tentáculos emocionais, não se abre ao novo acontecer, e não sobra espaço para a Verdadeira Vontade.

198. Eclipsando o Dharma, o Karma se apossa do presente, limitando-o à simples repetição, cada vez mais mecânica, do passado.

199. Tal é a operação do Dragão: atrair para aprisionar, aprisionar para devorar.

200. Atrair a alma ao passado para nele escravizá-



"Ananke sobre as Moiras" - Desconhecido

la, pois tudo que se desconecta da fonte por fechar-se ao novo, afunda no Mundo Inferior rumo à Boca Devoradora e seus dentes afiados.

201. O futuro e o passado são os dois pólos do Eixo do Mundo que os conecta, assim como as redes de Vontade e Desejo são os galhos e raízes da Árvore dos Mundos.

202. A rede de desejos interliga as memórias e fornece condicionamento para limitar. A rede de vontades interliga as imaginações e fornece dinamismo para mover e renovar.

203. Assim como lâmpada que brilha por trás do alabastro não é vista, mas tem existência inferida devido à luz que atravessa, a Verdadeira Vontade já brilha sobre o mundo, mas distorcida, fragmentada e espalhada pelo ego que, enrijecido pelo karma dos desejos do passado, tomou-se translúcido.

204. Se purificado o karma, a translucidez cede lugar à clareza e à transparência do cristal, e os estilhaços da Vontade, agora reintegrados, revelam a glória do Dharma.

A Missão

205. Para a consciência descida na carne, Dharma

é o que se veio buscar na materialidade, mas que, por ironia cósmica, foi esquecido justamente no processo e pelo processo de encarnar.

206. Dharma, que para Criança é vontade genuína e espontânea, para o Adulto é nobre e irrecusável missão: um caminho de virtude, a própria Virtude, e o próprio Caminho.

207. O Dharma em sua raiz não é qualquer coisa, lei ou fórmula definida, mas um dinamismo sempre-jovem que habita a Eternidade e o Agora.

208. Porém, ao escolher-se um período no Tempo, o Dharma se define, mas apenas em relação ao período, seja uma vida, um ano, um dia ou mesmo um segundo, e recupera sua infinitude retomando ao presente.

209. De fato, é o enigma do Agora, espalhado pela extensão total de cada instante, apreensível apenas por uma mente perfeitamente integrada, silenciosa e atenta.

210. O que guarda o enigma do instante é justamente a chave para o próximo instante, assim como a resolução do Tempo é o que abre espaço para o próprio Tempo.

211. Como uma síntese de toda a realidade, a Missão é o que a totalidade da mente, enfim integrada, quer. Nesse estado de potência, não há de fato nada que possa resistir-lhe a Vontade.

212. Conforme purifica o karma, a mente abandona o viés do passado que lhe obscurece a visão da



"Consoler of Monsters" (-1920) - Kazimierz Stabrowski

Missão. Quanto mais profunda a purificação, menos passado é carregado e mais espaço do presente é aberto ao futuro, ao Novo, ao Dharma.

O ADULTO E A CRIANÇA

213. Para o Adulto, resplandece sua Criança no âmago da mente, mas para a Criança, sua mente é que resplandece dentro si, com o Adulto em seu centro.

214. O Adulto é o agente de campo a seu serviço, enviado ao presente com a dupla missão de purificar karma e realizar dharma, pois o Mundo da Ação é o lugar onde o karma pode ser purificado e o dharma, realizado.

215. Assim, enquanto não amadurecer um Adulto dentro de si, a Criança não será capaz de agir com eficácia no mundo, ao passo que o Adulto, enquanto não lembrar-se da Criança dentro de si, não saberá o que fazer com sua capacidade de agir.

216. O Adulto, ao viver a materialidade, cria memórias o tempo todo, mas irá entregá-las inquietas ao passado enquanto não aprender a experienciar em equanimidade, e o tempo todo criará karma: enrosca-se no Tempo por resistir a ele.

217. Os fios das memórias formadas em equanimidade são neutros e por isso não prendem, apenas conectam.

218. Por isso, aquele que limpa a obscuridade e

aprende a Ver, ilumina-se no momento em que usa sua Visão para ver a Luz, e não mais engendra karma, pois suas novas memórias são formadas todas em paz, e em paz repousam no passado.

219. O tempo na materialidade é para a Criança uma história experienciada, mas o Adulto é sério exatamente por estar dentro da história, sob risco de morrer em luta com o Dragão.

220. O herói perscruta o mundo perguntando-se quem é o seu verdadeiro Eu. Vê-se como o Adulto, a Criança, e até o Dragão, e também como toda a Esfera, e o que está além dela. Descobre ser todas essas coisas, descobrindo também não ser nenhuma delas.

221. Muito maior do que aparenta aos olhos caídos na matéria, a Alma é genuinamente infinita, ela cria e sustenta um universo inteiro dentro de si, um microcosmo dentro do macrocosmo, com todos os deuses, anjos, demônios e todo tipo de espírito e reino.

O GIRO DO SOL E DA LUA

222. Se a visão do Uno é Eternidade, para os habitantes do Mundo-história seus olhos percorrem em órbita toda a circunferência da realidade, iluminando em ciclos Céu e Terra.

223. A Lua revela nas fases de seu ciclo sua passagem entre os mundos, crescendo e decrescendo conforme ascende ao Céu ou desce ao Submundo.



"Helios e Diana, Personificação do Dia e da Noite" (1765) - Anton Raphael Mengs

224. Mingua a luz em seu mergulho no subterrâneo do Mundo Inferior, agitando o passado, nutrindo desejo e memória. Trazidos à tona, capturam o distraído e aumentam seu sofrimento, pois há pesar em toda memória carregada, ainda que feliz.

225. As revoluções celestiais são a principal influência lunar para o homem, mas a mulher carrega também a Lua de seu corpo, e ambas as luas concorrem dentro dela.

226. Assim como a Lua minguante, a descida do sangue é oportunidade cíclica para a mulher de purificar memórias, nos dias que antecedem e na culminação da descida em si.

227. No auge de sua escuridão, não há nada a fazer senão abraçar a santidade do silêncio e meditar. É nesse seio de quietude que ela se renova e renasce em impulso para o alto, rumo ao Céu.

228. Cresce em luz e na mesma medida em fertilidade, abrindo-se a novas conexões e realidades, nutrindo matérias de imaginação, sonho e criatividade.

229. A subida culmina no plenilúnio, onde a Lua alcança o mais alto do Mundo Superior, e diz-se que essa noite é consagrada ao próprio Céu, Senhor e Pai do Deuses.

230. A Lua governa o fluxo e refluxo das águas e, assim como nas águas da matéria, a maré vazante leva, a maré entrante traz.

231. O Sol também se move em revoluções, mas seus ciclos não são mensais, e sim segundo a medida do dia e a medida do ano. Há histórias, em todos os cantos do mundo, sobre a descida e subida anuais do Sol, trazendo consigo o giro das estações.

232. Há também histórias sobre a Barca do Sol, que diariamente mergulha no horizonte para enfrentar a escuridão, estendendo noite adentro a batalha entre Luz e Trevas, até emergir vitorioso na aurora que inaugura o dia seguinte.

233. Essa é, de fato, a perspectiva da materialidade, mas para a mentalidade nunca mingua a Luz da Eternidade, e quem sobe e desce no giro do dia é a própria materialidade.

234. Assim como os Luminares, os cinco Viajantes que caminham sobre a estrada celestial também sobem e descem pelos mundos Superior e Inferior, segundo as medidas próprias de suas revoluções.

235. O Sol possui um trono no Dia, a Lua

possui um trono na Noite, mas cada Viajante recebe a posse de dois tronos: um diurno e um noturno. Os dez tronos dos Viajantes, somados aos dois tronos dos Luminares, formam um círculo que circunscreve o Mundo, em imagem do próprio Verbo.

A Realidade Tríplice

236. Para separar a existência das coisas definidas da existência das coisas indefinidas, traçamos um círculo ao redor do aqui-agora, ao qual chamamos Perímetro ou Muralha. Outros dão-lhe nomes como Véu do Arco-Íris ou Véu da Alma.

237. Ao interior do círculo, chamamos Materialidade e, ao seu exterior, Mentalidade.

238. Ao redor da Mentalidade, traçamos um novo círculo, envolvendo toda a Esfera de Realidade,



Figura 9.3 - A Realidade Tríplice

para separar a existência fenomênica, que lhe é imanente, da existência numênica que lhe transcende, e que chamamos Espiritualidade.

239. A esse segundo círculo chamamos Horizonte, mas outros de seus nomes são Abismo, Caos e Véu de Ísis, pois ele é, de fato, um abismo que se interpõe entre o Tempo e o não-tempo da Eternidade.

240. O Horizonte é o espelho que circunscreve a Árvore dos Mundos e inscreve a Árvore da Vida. Para o habitante do Mundo-História, a Árvore da Vida está refletida na borda da realidade, no topo como os arquétipos que engendram as imaginações do futuro, no fundo como os arquétipos que recolhem as memórias em oceanos de experiência coletiva.

241. Para o habitante da Plenitude, contudo, é a Árvore dos Mundos que é vista como reflexo no Horizonte.

242. Com o Perímetro e o Horizonte, portanto, podemos separar a realidade em três níveis: Materialidade, Mentalidade e Espiritualidade.



Figura 9.4 - Os Três Mundos

243. A esses, os alquimistas referem seus três princípios fundamentais e dão nomes como Sulfur, Mercurius e Sal Philosophorum, constituintes das três partes de todas as coisas: Corpus, Spiritus e Anima.

244. Se na Materialidade as coisas existem no auge da definição, a Mentalidade é o contínuum onde elas progressivamente borram suas fronteiras conforme se afastam do aqui-agora, para o futuro ou passado, até que, na travessia do Horizonte, perdem-nas completamente e transcendem qualquer limitação de tempo e espaço, alcançando a Espiritualidade.

245. A descida da Luz da Espiritualidade à Materialidade é um espectro contínuo de camadas sucessivas, divido segundo a conveniência do Número. Quanto mais detalhes se quer, maior o número, e mais subcamadas serão vistas.

246. Habitando a mentalidade, imaginações e memórias compartilham da natureza onírica dos sonhos, e são mitologizadas na medida de sua distância da solidez do presente.

247. Memórias recentes são como relatos, mas adquirem caráter fantástico conforme envelhecem, até tornarem-se verdadeiramente míticas no outono da vida. Ironicamente, as memórias da infância tornam-se, elas próprias, contos de fadas.

248. Simetricamente, as imaginações da criança sobre seu futuro passam da fábula ao mito, do mito à fantasia e da fantasia ao relato, conforme o futuro chega.

249. Seguindo o mesmo caminho, o Sábio aprende a não apenas evitar afogar-se no mar revolto de futuros possíveis que o rodeia, mas a habilmente navegar suas águas.

A Espiritualidade

250. Por estar além do Tempo e de quaisquer limitações criadas por ele, chamam-na Eternidade.

251. Vista de dentro do Tempo, só pode ser descrita em termos paradoxais de autôcausalidade, como o Criador que criou o Ovo Cósmico do qual ele próprio emergiu como Criador, ou o Autogerado que fecundou, gestou e pariu a si mesmo, dentro de si mesmo.

252. Por estar acima do Tempo, chamam-na também O Sublime, pois assim como a atmosfera afina ao afastar-se do solo, até sumir, é a abstração rarefeita que transcende e envolve todas as coisas, e ao mesmo tempo as contém. Nada pode existir fora do Sublime, e tampouco alcançá-lo.

253. Alguns descrevem a Espiritualidade como um cheio que nada contém, outros como um vazio ao qual nada falta, e por isso outro de seus nomes é Plenitude: uma sutileza que preenche todas as coisas e a quem nada pode preencher.

254. É a mente total, da qual todas as mentes da mentalidade se dissociam por meio do Horizonte, e assim muitos chamam-na Mente Divina, a mente uma anterior ao Véu da Separação.

255. Apesar disso, a Mente Divina é na verdade três: Criança, Contador e Imaginação. Não pensa em pensamentos, mas em termos de arquétipos vivos, cuja natureza é som e número: as letras do Verbo com o qual o Contador conta a realidade.

256. Todas as coisas que existem possuem uma essência, que é precisamente aquilo que lhes confere e sustenta a existência, e essa essência existe como um pensamento perfeito na Mente Divina.

257. Como essas essências são os moldes de todos os fenômenos da Esfera de Realidade, muitos dão à Espiritualidade nomes como Mundo Exemplar, Arquétipico ou Numênico.

A MATERIALIDADE

258. A Materialidade, Mundo Material ou simplesmente Mundo Físico, é a concretude que se contrapõe à abstração da Espiritualidade, onde o sagrado e miraculoso dá lugar ao profano e ordinário. Se a essência espiritual de cada coisa é perfeita e infinita, sua existência material certamente não o é.

259 Os cabalistas chamam a Materialidade de Mundo da Ação, pois é no presente que o karma pode ser purificado, e o dharma realizado.

260. Como a manifestação no presente é um consenso entre as partes afetadas, é também chamada de Realidade Consensual e, como essa manifestação se dá sempre em termos dos Quatro Elementos, seja como composição de substâncias ou como classes de fenômenos na experiência, outro de seus nomes é Mundo Elementar.

261. A Materialidade é um reino ordenado de simplicidade e estabilidade metafísica, precisamente por ter como alicerce o consenso: um espaço onde as coisas exibem comportamento clássico e podem ser comparadas entre si.

262. Assim, é o único lugar onde as coisas podem ser descritas, em boa aproximação, por quantidades, exibindo propriedades suficientemente estáveis para engendrar a possibilidade da objetividade. Alguns passaram a chamá-la, por esse motivo, de Mundo das Quantidades.



"The Dove and the Snake" - Heidi Holder

A MENTALIDADE

263. Materialidade e Espiritualidade, abruptamente separadas pelo traçar do Horizonte, tomaram-se extremos de abstração e concretude, e estariam irremediavelmente perdidos um para ou outro em trágico isolamento, não fosse o intermédio de seu filho, único e verdadeiro, que sacrificou-se para reconectar as duas realidades.

264. A esse filho, fruto da Vontade do Céu unida ao Desejo da Terra, chamamos Mentalidade, pois se o Horizonte é a cunha separadora, ele é o vento fresco a preencher o vão da ferida aberta, reunindo o que fora separado.

265. A Mentalidade permite ao abstrato aventurar-se no concreto, e ao concreto santificar-se no abstrato, pois o que está em cima anseia pela experiência, tanto quanto o que está embaixo anseia pela ascensão.

266. A Pomba desce à Terra e a Serpente sobe ao Céu, impelindo a alma ao duplo propósito da experiência, pois é justamente ao purificar o Karma que faz subir a Percepção, e ao realizar o Dharma que faz descer a Vontade.

267. O Filho é o regulador das revoluções dessa

Roda de Fogo que faz descer e subir, ao mesmo tempo em que ele próprio mantém-se impassível no centro, pois é o único lugar de onde pode ver com clareza para governar seus giros, que muitos chamam, em justiça, de Roda do Destino.

268. Ele, contudo, não é uma coisa, mas uma homeostase de coisas e, portanto, é Sete além de ser Um, pois sete são as esferas celestiais dos astros, e por isso muitos chamam a Mentalidade também pelo nome de Mundo Astrológico ou Plano Astral.

269. Em contraste às quantidades do Mundo Físico, a Mentalidade é constituída de qualidades, ou simplesmente qualias, os termos nos quais se dá toda percepção, lembrança e imaginação.

270. Não é a matéria das coisa que constitui a percepção, mas as qualidades que lhe estão associadas, tais como cor, formado e textura.

271. As qualidades da triangularidade e da vermelhidão entrelaçam-se para formar um triângulo vermelho, cuja materialidade em si não é percebida, apenas aferida a partir da consensualidade da experiência, pois é exatamente essa a diferença entre um triângulo vermelho percebido e um triângulo vermelho alucinado.

272. A objetividade da matéria é uma experiência teço em conjunto com o Outro, enquanto a subjetividade é uma experiência que teço sozinho.

273. De fato, as quantidades da materialidade são qualidades tomadas estáticas pelo consenso, minimizando sua indefinição e relativismo, a tal ponto que coagularam em uma experiência compartilhada.

A Realidade Quádrupla

274. A Mentalidade é inerentemente dual, pois dual é a natureza da comunicação. Ainda que seja um espectro contínuo a reconciliar extremos, seus estratos superiores voltam-se receptivos à Espiritualidade, ao passo que os inferiores voltam-se para a Materialidade, retransmitindo-lhe ativamente o dinamismo oriundo do alto.

275. A porção superior, em reflexão ao abstrato para o qual está voltada, torna-se ela própria abstrata, morada das qualidades qualidades mentais puras, ainda desprovidas de forma, tal como uma esfera cujo raio foi deixado em aberto.

276. A porção inferior, em reflexão ao concreto que lhe é jurisdição para reger, torna-se ela própria concreta, onde habitam as qualidades complexas, definidas e formadas em imagens.

277. Embora as duas partes da Mentalidade não estejam verdadeiramente separadas, muitos traçam um círculo para melhor discernir entre a região superior, puramente mental e sem forma, e a região inferior, de natureza emocional, com forma.

278. Esse é o mesmo círculo que separa entre fantasia e mito, entre conceito e formação, e assim muitos enxergam na Mentalidade não um, mas dois mundos: o Mundo Criativo ou Plano Mental, e o Mundo Formativo ou Plano Emocional.

279. Como folha, árvore e floresta, há, ainda, incontáveis mundos dentro de cada mundo, e incontáveis mundos além de cada mundo: uma vastidão em escala e complexidade inapreensíveis ao pensamento. Mas, ainda que vejamos floresta, há apenas Árvore.



"The Garden of Allah" (1918) - Maxfield Parrish